



TRADUÇÃO DE CAPÍTULO DE LIVRO

Linguística Interacional* **

Interactional Linguistics

Dagmar Barth-Weingarten

dagmar.barth-weingarten@hpsl.uni-freiburg.de

Institut für Deutsche Sprache

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO POR

Thiago da Cunha Nascimento

thiago-nascimento@ufla.br

Universidade Federal de Lavras - UFLA

Introdução

Como um campo de investigação sistemático, com objetivos de pesquisa distintos, a Linguística Interacional (LI) é relativamente recente. Ela surgiu apenas em meados dos anos 1990, com base, principalmente, na Etnometodologia e na Análise da Conversa (Cf. WAGNER e DAY neste volume), na Sociolinguística Interacional e na Linguística Antropológica (Cf. GÜNTNER neste volume). A partir desses campos, a LI adotou uma gama de pressupostos básicos sobre a língua, bem como os métodos e os instrumentos essenciais para as suas análises. Ao mesmo tempo, a LI emprega tais análises para chegar aos seus próprios objetivos, a saber, descobrir os detalhes regulares da interação natural em termos de padrões linguísticos. Como exemplo, observe no

* N. da A.: Sou grata à Margret Selting e, especialmente, à Elizabeth Couper-Kuhlen por seus comentários profícuos sobre a primeira versão deste artigo. Os agradecimentos também são devidos aos editores deste volume pelas suas sugestões.

** Este texto foi originalmente publicado em Gerd, Antos; VENTOLA, Eija; WEBER, Tilo (eds.). *Handbook of Applied Linguistics*. Band 2: *Interpersonal Communication*. Berlin, New York: De Gruyter, 2008, p. 77-105. A autorização para a tradução foi obtida em contato pessoal com a autora.

Linguagem em Foco

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 27/01/2023

Aprovação do trabalho: 10/02/2023

Publicação do trabalho: 07/04/2023

10.46230/2674-8266-15-10084

COMO CITAR

BARTH-WEINGARTEN, Dagmar. Linguística Interacional. Tradução e adaptação: Thiago da Cunha Nascimento. *Revista Linguagem em Foco*, v.15, n.1, 2023. p. 274-305. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10084>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

excerto (1) a seguir o uso do conectivo 'e' na visita de uma enfermeira a uma mãe de primeira viagem.

(1) fórceps (retirado de Heritage e Sorjonen 1994: 15)

1 Enf: -> e vo- você teve que usar fórceps ou algo do tipo.

2 M: Não:. bem, eu tive uma epidu:ral.

3 Enf: cer[to.

4 M: [sem fórceps.=

5 Enf: -> =sem fórceps.= você (.) a empurrou você mesma.

6 M: sim ([)

7 Enf: [ótimo]

8 (2.1)

9 Enf: -> e ela ficou com você o tempo todo,

O conectivo e prefacia as perguntas nas linhas 1 e 9, mas não na linha 5. Heritage e Sorjonen (1994), de cujo estudo este exemplo foi retirado, observaram que o e-prefaciador neste tipo de trocas relacionadas ao preenchimento do formulário da enfermeira é frequentemente utilizado com duas funções: 1) cria coerência na medida em que faz a atividade avançar, bem como constitui a pergunta seguinte como parte da pauta de perguntas; e 2) admite a resposta anterior como uma resposta adequada. Por outro lado, perguntas contingentes, isto é, aquelas que não têm o e-prefaciador, retornam a aspectos de conversa anterior que são de alguma forma problemáticos; elas suspendem a atividade em curso e mantêm o foco da pergunta anterior. Assim, ao utilizar o e, ou não, no exemplo, as perguntas das linhas 1 e 9 estão marcadas como pertencendo à pauta de perguntas da enfermeira para inquirir sobre o andamento do nascimento propriamente dito, ao passo que, na linha 5, revê-se um detalhe procedural e suspende-se, pois, a atividade de declarar e responder a perguntas para o preenchimento do formulário. Juntamente a esse uso regular do e-prefaciador, Heritage e Sorjonen observaram que ele também estava sendo empregado estrategicamente pelos visitantes de saúde,¹ a saber, quando – com base nas suas funções regulares – o

1 N. do T.: Um(a) visitante de saúde (*health visitor*) é uma enfermeira especializada em saúde pública ou uma parteira com registro em Enfermagem Especializada em Saúde Pública Comunitária (*The Specialist community public health nursing - SCPHN*). Em geral, esse tipo de profissional atua dando suporte a famílias que apresentam crianças com até 5 anos de idade, de modo a melhorar a qualidade de vida e de saúde da criança, bem como promover a saúde, a prevenção contra doenças e a justiça social.

e é utilizado para sugerir a descontinuação de longas sequências narrativas da parte dos pais visitados nas enfermarias e seguir desse modo com a pauta de perguntas, bem como quando é utilizado para desintoxicar perguntas que são potencialmente problemáticas na medida em que, por exemplo, questionam a expertise das mães (Cf. HERITAGE E SORJONEN 1994). O exemplo ilustra assim o uso regular de um elemento linguístico para atingir objetivos interacionais particulares, e nesse sentido aborda as duas questões básicas de pesquisa no cerne da Linguística Interacional:

- 1) Como os padrões linguísticos são moldados pela interação?
- 2) Como os padrões linguísticos moldam a interação?

A LI é “uma perspectiva sobre a estrutura e o uso da língua informado pelo habitat natural da língua na ordem da interação” (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2001, p. 1), isto é, em contraste com uma visão atomista, que concebe a língua como independente de seu uso, a LI alega que as formas linguísticas não podem ser investigadas sem minuciosa atenção ao seu co(n)texto de ocorrência, ou seja, a fala-em-interação. Como tal, a LI oferece uma nova abordagem à Linguística.

A LI lida com todos os aspectos da estrutura e do uso da língua. Isso inclui tanto os campos centrais da linguística, a saber, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, semântica e pragmática, quanto aqueles campos de natureza interdisciplinar ou mais aplicada, tais como variação linguística, aquisição, perda ou distúrbios da linguagem (Cf. COUPER-KUHLEN; SELTING, 2001; SELTING; COUPER-KUHLEN, 2001). É essa amplitude do campo de investigação que faz a Linguística Interacional como um ponto de partida para muitas perguntas de pesquisa e questões linguísticas, incluindo aquelas que são caras à Linguística Aplicada².

A seguir, forneço um esboço da LI e sua relevância à Linguística Aplicada. Inclui-se nisso uma pesquisa acerca da emergência da Linguística Interacional (2.), seus conceitos básicos e instrumentos metodológicos (3.), perguntas de pes-

2 N. do T.: Embora existam, especialmente no Brasil, muitas obras que se dediquem a explicar e delinear o campo de atuação e investigação da Linguística Aplicada (LA). É imperativo esclarecer que o termo ‘Linguística Aplicada’ aqui refere-se, em linhas gerais, **a um campo interdisciplinar de estudo que lida com problemas relacionados aos usos da língua(gem), o que implica os usos da língua(gem) nos mais variados contextos tais como mídia, negócios, política, ensino, saúde. Ademais, os métodos de investigação no campo da LA englobam tanto métodos empíricos como experimentais. Essa visão adotada aqui fica mais esclarecida com a seção 5 do presente trabalho.**

quisa e desafios futuros da Linguística Interacional (4.), bem como sua contribuição à Linguística Aplicada (5.). O capítulo termina com uma bibliografia de trabalhos citados e referências relevantes (6.).

Antes de iniciar esta agenda, duas ressalvas são necessárias. Uma diz respeito ao uso da terminologia neste capítulo: semelhante à Análise de Conversa, a Linguística Interacional é caracterizada pelo uso frequente de palavras (aparentemente comuns) como terminologia específica para este campo. Embora não seja viável nem desejável evitar todos os termos técnicos, tentarei manter este artigo o mais acessível possível, circunscrevendo noções relevantes sempre que possível e indicando a terminologia em *itálico*. Em segundo lugar, é necessário salientar que esta contribuição visa fornecer aos leitores interessados pontos de partida para futuras explorações. Assim, este capítulo fica restrito em sua escolha de focos, bem como de referências.

1 O surgimento da Linguística Interacional

O surgimento da Linguística Interacional pode ser atribuído tanto aos avanços tecnológicos quanto ao progresso em uma série de abordagens científicas da linguagem e seu uso na segunda metade do século XX. A pré-condição tecnológica básica, que também lançou as bases para os predecessores da Linguística Interacional, foi a invenção de meios para registrar a interação auditivamente (e depois visualmente). Dessa forma, a fala tornou-se acessível como objeto de investigação científica em seu ambiente natural. Desde o advento do gravador, a fala natural tornou-se amplamente aceita como objeto de pesquisa por direito e está sob investigação em várias disciplinas acadêmicas (cf. BRINKER *et al.*, 2001; também THOMPSON; MUNTIGEL neste volume; REDDER neste volume). Entre elas estão também as seguintes, todas antecessoras diretas de Linguística Interacional:

- A *Etnometodologia* e a *Análise da Conversa* proveram um número considerável de conceitos, métodos e instrumentos empregados pela Linguística Interacional. Enquanto a Etnometodologia tenta desvendar a metodologia de senso-comum dos participantes para a interação social cotidiana, a Análise da Conversa, oriunda de um fundo sociológico, enfatiza a ordem da conversa cotidiana como uma instanciação da ordem social (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; HUETHBY; WOUFFITT, 1998; SCHEGLOFF, 2007). Várias ordens da organização conversacional têm sido investigadas, incluindo a tomada-de-turno, o reparo, a organização sequencial, a referência de pessoa etc., por meio da microanálise e instrumentos

metodológicos, tais como o procedimento teste do próximo turno (ver seção 3.2; também WAGNER; DAY, neste volume; DEPPERMAN; SCHÜTTE, neste volume).

- A *Sociolinguística Interacional*, a *Linguística Antropológica* e a *Etnografia da Fala* introduziram uma perspectiva *cross-cultural*. Elas focam na diversidade cultural das ordens sociais. Estas são investigadas por meio da comparação dos sistemas de troca discursiva e das estratégias discursivas observáveis em contextos culturalmente distintos (cf. FOLEY, 1997). A Sociolinguística Interacional, particularmente, interessa-se pela situação social do uso da língua. Ela presume que criamos o contexto e a identidade na interação. Um de seus ramos é a *teoria da contextualização*. A Teoria da Contextualização concentra-se no papel das formas linguísticas e outras formas enquanto meta-pistas para o sentido e interpretação em contextos específicos. Ela alega que os participantes constroem contexto com base em pistas de contextualização, a saber, sinais indiciais que são empiricamente detectáveis no discurso. Entre esses, não somente encontramos a posição corporal, o gesto e o olhar, mas também traços prosódicos e troca de código (cf., por exemplo, GUMPERZ, 1982; AUER; DI LUZIO, 1992; EERDMANS; PREVIGNANO; THIBAUT, 2003; AUER; DIRIM, 2004; GÜNTHER, neste volume).

- A *tradição discursivo-funcional* subsumi uma variedade vasta de estudiosos; todos unidos por seu foco nas relações motivadas entre a forma linguística e a função discursiva (Cf. CUMMINGS; ONO, 1997; FORD; FOX; THOMPSON, 2002). Aqui, considerações pragmáticas e cognitivas gerais têm figurado proeminentemente, enquanto contingências locais e relevâncias na interação conversacional têm apenas recentemente desempenhado um papel (por exemplo, THOMPSON, 2002; FOX; THOMPSON, 2007).

Dentro dessas tradições de pesquisa, assim como de outras, que investigam a língua falada, como a *Linguística Sistêmico-Funcional*, os estudiosos têm observado com frequência um uso sistemático de formas e padrões linguísticos. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), por exemplo, mencionam o papel dos constituintes sintáticos em determinar quando um turno está finalizado para ocorrer a transição. Goodwin (1979) descreveu a realização conjunta de uma sentença. Heritage (1984) observou regularidades sistemáticas no uso da partícula *oh*. Lerner (1991) descreveu os recursos linguísticos que permitem aos participantes produzir turnos em conjunto. E, já em 1979, Schegloff previu uma *sintaxe para conversa*. No entanto, especialmente no âmbito da *Fonologia para conversa* na Grã-Bretanha (LOCAL; KELLY; WELLS, 1986; LOCAL; KELLY, 1989), da *Linguística Discursivo-Funcional* nos Estados Unidos (FORD; WAGNER, 1996; OCHS; SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996; CUMMING; ONO, 1997; FORD; FOX; THOMPSON,

2002) e, em particular, da Linguística Interacional, esses aspectos da linguagem na fala-em-interação foram focados de maneira mais abrangente e sistemática. Embora a pesquisa em Linguística Interacional esteja localizada principalmente na Europa (especialmente Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grande Grã-Bretanha, Suécia, Suíça e Holanda) e, ainda, na Coreia e no Japão, existem múltiplos contatos e empreendimentos conjuntos entre essas tradições de pesquisa.

2 Estado de arte: conceitos centrais e instrumentos metodológicos

2.2 Conceitos centrais e pressupostos teóricos

A Linguística Interacional é uma abordagem descritiva, funcional e linguisticamente informada em relação à língua e à língua em uso. Desse modo, ela trabalha com um gama extensa de termos e conceitos originários da linguística descritiva. Entretanto, ao mesmo tempo, os linguistas interacionais devem preencher constantemente a lacuna entre as noções linguísticas alicerçadas em uma abordagem autonomista e gerativista da linguagem e nas suas próprias, muitas vezes conclusões opostas com base no uso observado (cf. também Seção 4.). A principal diferença entre as duas abordagens é que a Linguística Interacional vê a linguagem como um fenômeno social fundamentalmente situado. Isso inclui dois aspectos:

- A língua realiza ações, e
- A Língua é língua em uso.

A LI pressupõe que a língua não é produzida por si mesma, mas serve aos propósitos dos participantes na interação: o objetivo dos participantes é realizar ações, tais como concordar, avaliar ou indagar, e desse modo realizar atividades, tais como acusar ou reclamar, pedir ajuda ou reunir informações em um formulário (SCHEGLOFF, 1997) – normalmente, para gerenciar tarefas decorrentes da necessidade de ter que organizar sua vida social por meio da interação. A língua, por sua vez, fornece-lhes recursos de todos os tipos, como itens lexicais, estruturas clausais e bi-clausais, conectivos, perguntas, declarações e imperativos etc., para lidar com as situações comunicativas. A mobilização sistemática desses recursos por parte dos participantes torna-se uma *prática*, isto é, maneiras recorrentes de realizar tarefas particulares em interação. Muitas vezes as formas linguísticas têm uma função específica apenas em um ambiente particular. Assim, os linguistas

interacionais afirmam que, para obter uma descrição realista da língua, estudar a estrutura linguística fora de contexto não é o suficiente. Em vez disso, a análise dos padrões linguísticos deve ser combinada com uma análise das ações e atividades realizados por esses padrões, pois, em comparação com a linguística de corpus, por exemplo, os padrões linguísticos são concebidos não somente como específicos do dialeto ou do contexto situacional, mas também como dependentes das ações/atividades realizadas por eles ou ao seu redor (*específico da sequência*³) e da maneira como essas ações são implementadas (*específico ao formato do turno*⁴).

Ao mesmo tempo, linguistas interacionais não somente investigam o que os participantes fazem e em que ordem sequencial eles o fazem, mas também como eles o fazem. Essa questão é abordada a partir de duas direções básicas de pesquisa:

1. Que recursos linguísticos são usados para constituir uma sequência conversacional particular e realizar atividades interacionais?
2. Que ações interacionais e sequências conversacionais são alcançadas por recursos linguísticos particulares?

Lindström (2005), por exemplo, investiga as formas sintáticas usadas para fazer solicitações em visitas à Casa Sueca de auxílio ao idoso⁵. Nesses contextos, ela observa o emprego de perguntas, afirmações e imperativos sendo usados. No entanto, a autora mostra que existe uma divisão de trabalho entre os respectivos tipos de orações: enquanto as orações imperativas são usadas quando a ajuda é assegurada ao solicitante, as orações interrogativas ocorrem com tarefas que não são necessariamente parte do contexto institucional do encontro. As orações declarativas, por sua vez, deixam espaço para negociação ainda que elas não sejam entendidas como pedidos.

A língua se encontra em seu lar na interação social (SCHEGLOFF, 1996). Isso é um caso tanto ontogenético quanto filogenético, bem como em termos de onde as práticas linguísticas tornam-se imbuídas de “significado”. Portanto, em comparação à linguística formal, a Linguística Interacional pressupõe que o estudo da língua deve abordá-la não como um sistema altamente abstrato, mas como língua em uso – os padrões de som, a sintaxe, a semântica, o léxico e a mor-

3 *Sequence-specific.*

4 *Turn format specific.*

5 N. do T.: Essa é uma Instituição que auxilia os idosos na Suécia a terem mais independência e qualidade de vida em um espaço apropriado para esse estágio da vida, ou seja, espaços com acessibilidade.

fologia como observáveis (*encarnados*⁶) na interação social. Isso tem grandes implicações para a perspectiva linguístico-interacional sobre os padrões linguísticos no tocante à sua emergência, ao seu status como entidade e aos métodos empregados em sua investigação:

Os padrões linguísticos são flexíveis e entidades adaptáveis, os quais são colaborativamente realizados. A abordagem da Linguística Interacional aos padrões linguísticos contrasta fortemente com muitas formas mais tradicionais de pensar a língua. As formas linguísticas não são conceptualizadas como entidades fixas estocadas na memória do falante e recuperadas de modo a empacotar o conteúdo, o qual pode ser retratado como pacotes de mensagens que podem ser enviadas ao destinatário (cf. Metáfora do Conduto, REDDY, 1979). Ao invés disso, a Linguística Interacional concebe a língua como um conjunto de recursos que permite práticas linguísticas, isto é, maneiras recorrentes (rotineiras⁷) e reconhecíveis de realizar ações e atividades, compartilhadas por membros de uma comunidade de fala. Os padrões linguísticos são concebidos como dinâmicos, em constante evolução e emergentes (cf. HOPPER, 1998) em situações comunicativas específicas. Isso também diferencia a Linguística Interacional de estudos anteriores acerca da língua falada bem como de modelos gramaticais de orientação funcionalista.

Deppermann (2005), por exemplo, descreve a negociação da semântica de um item lexical em uma sessão de mediação. Analisando o exemplo de 'tacar pedra' (*throwing a stone*⁸), Deppermann mostra como o significado inicial do verbo é reavaliado a partir de uma interpretação da realização de ação⁹, de acordo com a qual a pedra é tacada em alguma coisa e alcança seu alvo, para uma mera interpretação da atividade, isto é, jogar pedras sem acertar um alvo (ver exemplo 2). A semântica do verbo, obviamente, é de consequência imediata em termos de justificar a acusação no tipo de evento comunicativo em questão:

(2) tacando uma pedra

(retirado de DEPPERMAN, 2005, p. 296-297; transcrição simplificada e abreviada; o falante usa um dialeto alemão).

6 *Embodied.*

7 *Routine.*

8 N. do T.: Equivalente no português que significa fazer criticar a algo ou alguém – jogar pedrinhas.

9 *Accomplishment interpretation.*

- 1 Med: da ham se awwer AUCh- (.)
mas lá você também tem
- 2 angebe wie die TOCHter der Antragsgegnerin auf
declarou como a filha do oponente sobre
- 3 dem<<len, überdeutlich pronunciert> geMEINsamen
o comum
- 4 wäschetrockenplatz Einen Stein auf die wäsche
o chão de secagem rápida
- 5 → die dort hI:ng wAr;f.>
jogou uma pedra nas roupas penduradas lá
- 6 Pro: ...
...
- 10 → also steht se im garde drin un !SCHEMEISST!-
(--)
Então ela ficou no jardim e joga
- 11 n halwe meder wiet- (-)
meio metro
- 12 → awwer sie hot nEt getroffe.
mas ela não conseguiu acertar as roupas

Os padrões linguísticos são *realizações colaborativas* em que a forma de fala ou língua-em-uso é presumida como o resultado de um esforço conjunto tanto dos falantes correntes quanto de seus interlocutores para lidar com as tarefas recorrentes na interação. Goodwin (1981, 1995), por exemplo, mostrou que a forma emergente do turno é altamente sensível ao tipo de recepção que os falan-

tes obtêm de seu(s) parceiro(s)-em-conversa¹⁰. Uma posição corporal nova ou uma mudança de direção no olhar pode induzir uma mudança de plano em termos de estrutura sintática (cf. também FORD, 1993, sobre orações subordinadas).

Os participantes da conversa podem também coproduzir estruturas linguísticas em sentido bem literal. Para ilustrar, os interlocutores podem usar pistas linguísticas no turno emergente, tais como conjunções que projetem estruturas bi-clausais (e.g.: *se / quando / então*) ou padrões de lista (e.g.: primeiro, segundo, terceiro) para inferir qual tipo de estrutura está sendo produzida bem como o fim presumível das partes iniciais (preliminares¹¹) e finais. Eles podem usar essa informação para identificar um local para a transição de turno de modo a manter suave a tomada de turno ou completar as estruturas em si (completudes colaborativas; e.g.: LERNER, 1991, 2002).

Ainda que os padrões da língua sejam recorrentes e, portanto, possam, até certo ponto, ser concebidos como realizados em uma forma específica e em co(n)textos particulares, eles são ao mesmo tempo influenciados pelas particularidades do evento interacional individual (*contingência local*). Consequentemente, em contraste com a linguística de corpus, por exemplo, um único evento “é considerado”. Como mostrou Goodwin (1981, 1995), uma vez iniciado, o plano de um turno não está decidido, fixo, mas pode ser adaptado às contingências e relevâncias locais da interação em curso. Portanto, rupturas (*break-offs*) e reformulações não são necessariamente erros do falante, mas podem estar intimamente conectadas as contingências interacionais em mãos (cf. SCHEGLOFF, 1979). De maneira parecida, o fim projetado de uma oração não precisa ser seu final de fato. Se necessário for, e.g. em casos de interpretação problemática do interlocutor, os falantes podem adicionar uma gama de constituintes (opcionais) à oração na forma de incrementos sintáticos e prosódicos (e.g.: FORD; FOX; THOMPSON, 2002; WALKER, 2004; AUER, 2006).

Ademais, linguistas interacionais também reconhecem que os padrões linguísticos são formados por características mais gerais da *produção linguística on-line*. Diante disso, Auer (2000, 2006) ressalta que os falantes precisam lidar com três aspectos da temporalidade (*zeitlichkeit*) da língua falada (cf. FIEHLER *et al.*, 2004):

- 1) A não permanência dos sons e das estruturas: os sons evanescem e as estruturas são difíceis de estocar por qualquer extensão de tempo, de modo que os falantes podem perder de vista estruturas intrincadas.

10 *Partner(s)-in-conversation*.

11 *Preliminary*.

Como resultado, eles preferem padrões mais curtos e menos complexos cognitivamente, tais como construções de orações relativas de ramificação à direita e suspensão de tópicos, ao invés de estruturas de ramificação esquerda com atribuição extensiva.

- 2) A irreversibilidade dos enunciados: os falantes não podem “pegar de volta” o que eles disseram. Desse modo, os problemas na fala permanecem visíveis (fenômenos de hesitação, cortes abruptos, recomeços), e práticas específicas para *reparar* erros que tenham emergido (FOX; HAYASHI; JASPERSON, 1996; SHCEGLOFF, 1979).
- 3) A simultaneidade da fala e da escuta: padrões produzidos pelos falantes são processados pelos seus interlocutores quase que simultaneamente. Os interlocutores então monitoram intimamente os padrões emergentes conforme os traços relevantes da interação, tais como sinais de finalização de turno. Esse traço da língua falada é uma pré-condição basilar para a produção colaborativa de estruturas linguísticas.

A relação entre as formas linguísticas e seu contexto interacional sequencial é reflexiva. Se, por um lado, as formas linguísticas são influenciadas (*formadas*) pelo seu co(n)texto (específico) interacional, por outro lado, elas mesmas dão forma à interação. Por exemplo, sabe-se bem que pronomes co-referenciais são usados subsequentemente à introdução de um referente por meio de um sintagma nominal completo, isto é, o co(n)texto molda as formas linguísticas. Entretanto, Fox (1987) mostrou que, na fala-em-interação, o uso de um sintagma nominal completo próximo contextualiza o início de uma nova sequência. Adicionalmente, um pronome pode ser correferencial com um referente antes daquele em um sintagma nominal imediatamente precedente. Nesse caso, o uso do pronome sinalizará que a sequência precedente ainda está aberta. Logo, o uso de itens linguísticos não somente depende da estrutura sequencial como também a moldam. A partir dessa observação, a Linguística Interacional elabora suas questões básicas de pesquisa (ver seção 1, acima).

As formas linguísticas são adaptadas conforme as necessidades de organizar a interação, bem como a interação é organizada pelas formas linguísticas. Na abordagem linguístico-interacional as necessidades interacionais globais e locais dos participantes são presumidas como a motivação basilar das estruturas linguísticas. Isso implica que as unidades linguísticas são *epifenômenos* na

interação na qual suas formas e extensões são o resultado das necessidades de organizar a interação. Portanto, por exemplo, a co-extensividade da léxico-sintaxe e estruturas prosódicas, tais como orações, sintagmas e palavras com a unidade organizacional básica na interação, a *unidade construcional de turno* (cf. SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), não é uma coincidência, mas o resultado de uma necessidade de sinalizar permanência e solicitação de chão pela projeção do que terminará uma unidade por meio da estrutura interna dos constituintes da unidade (cf. FOR; THOMPSON, 1996; SCHEGLOFF, 1996; AUER, 2000, por exemplo). Do mesmo modo, a sinalização de unidades construcionais de turno para finalização deste como locais potenciais para transição de turno (*local relevante para troca de turno*, ver SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) por meio de práticas fonológicas específicas, tais como movimento entonacional descendente para baixo ou ascendente para alto no alcance vocal do falante, são vistas como similarmente motivadas (SELTING 1996, 2000). Aqui, a projeção de final de turno é crucial para manter a suavidade na transição de falante. Ao mesmo tempo, as atividades conversacionais particulares são altamente dependentes dessas pistas para a organização da interação. Portanto, um local regular para reparo, por exemplo, é o final do turno que contém o item reparável (cf. SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977).

O emprego de práticas linguísticas específicas em ambientes sequenciais particulares possibilita a interpretação e, portanto, a realização de ações e atividades particulares. Os linguistas interacionais pressupõem uma relação sistemática entre o uso de certas estruturas linguísticas em co(n)textos específicos e sua interpretação por parte dos interlocutores, isto é, que existem relações claras entre forma e função em co(n)textos específicos. Logo, ao final de uma possível unidade sintática e pragmática (pontos de completude sintáticos e pragmáticos, FORD; THOMPSON, 1996), mas não necessariamente em qualquer outro lugar, um tipo específico de entonação sinalizará se o falante chegou ao final de seu turno. De modo parecido, French e Local (1983) descrevem o emprego de conjuntos regulares de traços fonológicos com entradas competitivas e não-competitivas por outros falantes em conversas cotidianas (*pitch* aumentado e maior intensidade vs. *pitch* mais baixo com intensidade reduzida). Essas atividades são, contudo, contextualizadas somente por estas pistas no meio de unidades de construção de turno. Em pontos relevantes para transição, em contraste, eles também podem ser compreendidos como pistas para mudança de tópico (cf. COUPER-KUHLEN, 2004).

Formas linguísticas específicas da língua moldam a interação de maneiras diferentes. A Linguística Interacional presume que as características de uma língua em particular moldam os padrões interacionais. Desse modo, as oportunidades para as práticas interacionais, bem como suas restrições, numa língua são dependentes dos recursos disponíveis naquela língua. Em línguas germânicas, por exemplo, a tomada de turno depende fortemente da noção de projeção, ou seja, devido a uma organização sintática rígida das orações, o início de uma unidade permite que os interlocutores infiram o que será necessário para que a unidade esteja completa. Em alemão e em inglês, com o verbo finito vindo relativamente antecipado na unidade oracional (principal), pistas para a transição de turno são fornecidas por meio de sua valência: como o verbo finito geralmente ocorre com seus argumentos principais em uma unidade oracional, o tipo de verbo indica quantos sintagmas o seguirão até o fim da unidade. Isso, por um lado, pode ser usado para prever *grosso modo* quando o final da unidade chegará. Em japonês, comparativamente, o verbo é produzido ao final da unidade e, adicionalmente, sujeitos e complementos não precisam ser instanciados se forem inferíveis a partir do contexto, de modo que a única pista para o final da unidade é uma partícula final ou um outro objeto de final de turno (FOX; HAYASHI; JASPERSON, 1996; TANAKA, 2000). Esses traços linguísticos japoneses são, portanto, responsáveis pelo fato de que seus falantes não poderem projetar, até que relativamente tarde no turno, o que fará com o que tal turno esteja completo e quando o seu final é esperado.

Ademais, mesmo entre as línguas germânicas, há diferenças entre os recursos linguísticos que sinalizam o fim de uma unidade: enquanto interlocutores alemães costumemente apoiam-se na segunda parte do chamado colchete verbal¹² (AUER, 1996), falantes de inglês têm que se basear em outros meios. Diferenças como essas inspiram uma segunda direção na pesquisa em Linguística Interacional: a investigação de diversas línguas em termos de diferenças de práticas para tarefas interacionais particulares e as características linguísticas que as motivam.

Os padrões linguísticos precisam ser investigados a partir de uma perspectiva holística. A Linguística Interacional entende o evento comunicativo como um evento *semiótico*. Conseqüentemente, ela opta por uma abordagem de *Gestalt* em sua análise, considerando todas as pistas potencialmente disponíveis aos interlocutores no processo de construção do sentido. Recentemente, isso tem

12 Verbal bracket.

incluído uma consideração mais sistemática de meios não linguísticos de comunicação, em reconhecimento de achados, por exemplo, de Goodwin e outros pesquisadores acerca da coordenação de meios verbais e não verbais, incluindo gestos e olhar, na organização da interação. Esse tópico é de imediata relevância para todos os estudos de interações face-a-face por despertar a consciência acerca da natureza fundamentalmente multimodal da comunicação humana. Ao mesmo tempo, isso subjaz a transdisciplinaridade inerente à Linguística Interacional em pesquisar além da linguística tradicional.

3 Métodos

A Linguística Interacional combina métodos de três campos principais de pesquisa:

- (1) Etnometodologia e Análise da Conversa;
- (2) Linguística;
- (3) Sociolinguística Interacional e Linguística Antropológica.

Por razões de espaço, a seguir, esses métodos serão meramente listados. Os detalhes podem ser obtidos de capítulos relevantes neste volume (cf. cap. 3, WAGNER e DAY; cap. 4, GUNTHNER; cap. 8, DEPPERMAN e SCHÜTTE).

Da Etnometodologia, linguistas interacionais adotam a microanálise, ou seja, o exame minucioso dos detalhes das situações comunicativas correntes. Seu legado, a Análise da Conversa precisamente, provê uma gama de métodos que derivam do pressuposto da ordem na conversa natural:

- *Dados naturais*. Linguistas interacionais analisam a conversa que é natural, não planejada e consequencial para os participantes no momento em que ela ocorreu. Por isso, os análises podem se basear em (seus próprios) registros, bem como de corpora comercialmente disponíveis, de fala-em-interação espontânea, i.e., língua falada não planejada em situações comunicativas privadas ou públicas.

- *Análises sensíveis ao co(n)texto*. Os fenômenos são analisados como unidades que ocorrem em turnos específicos e unidades construcionais de turno. Este último constitui-se de ações e atividades, que, por seu turno, contribuem para a organização da interação como tal. Portanto, o analista precisa levar em conta vários níveis co(n)textuais, os quais podem ser todos relevantes para a interpretação local.

- *Empirismo indutivo*. A metodologia da linguística interacional é estritamente

empírica no que, ao invés de trabalhar com categorias analíticas preconcebidas, procura descobrir indutivamente as categorias e recursos dos participantes (dispositivos dos membros¹³) e salvaguardar suas reivindicações por meio do comportamento dos participantes (cf. WOOTTON, 1989; COUPER-KOULEN; SELTING, 1996).

- *Ordem em todos os pontos*. Com a Análise da Conversa, a Linguística Interacional presume que os detalhes da interação não são produtos do acaso, mas produtos regulares das tentativas rotineiras dos participantes em resolver problemas cotidianos recorrentes. Em contraste com linguistas *chomyskianos*, que consideram a conversa espontânea como imperfeita demais para ser estudada, os linguistas interacionais presumem a língua-em-uso como intrinsecamente estruturada e organizada em todos os níveis. Está na tarefa do analista identificar essa estrutura: “nenhuma ordem de detalhe pode ser considerada, a priori, como desordenada, acidental e irrelevante” (HARITAGE, 1984, p. 241). Isso não implica que os falantes sejam robôs cujo comportamento é determinado por algoritmos. Ao invés disso, a Linguística Interacional assume que os recursos linguísticos são empregados regular e flexivelmente dentro de limites mais ou menos esperados (DEPPERMAN, 2007).

- *Procedimento teste do próximo turno*. A Linguística Interacional usa o comportamento do participante em turnos sequencialmente adjacentes como evidência de qual(a)is ação(ões) o turno anterior foi tido como cumprido. As reações dos participantes não somente mostram que eles estão lidando com um enunciado anterior, como também revelam a maneira como eles lidam com tal enunciado (orientam-se em relação a¹⁴); e, portanto, o que eles compreendem acerca do que estão fazendo.

- *Análise sequencial*. Turnos na fala-em-interação são considerados como “aglomerados”, devido, entre outras características, às ações que eles realizam ou à atividade que se pretende, bem como às reações a essas ações (*sequências*). Linguistas interacionais presumem que a forma da padronização linguística é sensível à sua posição nessas sequências. Logo, o analista precisa descobrir onde as ações foram iniciadas, desenvolvidas e finalizadas (SCHEGLOFF, 2007) e se o enunciado em questão é um movimento inicial ou reativo, i.e., a primeira ou segunda parte do par da unidade básica de organização sequencial, o par adjacente.

- *Coleta de exemplos*. De modo a descrever o uso de padrões linguísticos parti-

13 *Members' devices*.

14 *Orienting towards*.

culares, linguistas interacionais utilizam coleções de exemplos relevantes de um fenômeno. Para compila-los, eles adotam a tríade scheglofiana (1997), *perceber alguma coisa, coletar generosamente e singularizar casos limites*, o que necessariamente leva a um protótipo ou compreensão de semelhança de família do fenômeno estudado (WEBER, 2003; BARTH-WEINGARTEN, 2006a).

- *Validação do caso singular e do caso 'divergente'*. Enquanto a Linguística Interacional argumenta com base em grandes coleções, ela também valoriza o caso singular. A LI vê essas instanciações de um padrão linguístico em um contexto particular como uma instanciação de um conjunto maior de práticas, visto que cada caso singular possa ser presumido reflexo de expectativas rotineiras dos participantes e, portanto, do padrão geral. Ao mesmo tempo, os linguistas interacionais usam os casos únicos e divergentes para substanciar seus achados, mostrando a “divergência” como explicável pelo co(n)textos particulares de uso e contingências associadas a eles. Portanto, o “resíduo” de uma coleção não é negligenciado, como na Linguística de Corpus, por exemplo, mas lhe é dado um papel essencial na análise.

A Linguística oferece conceitos e ferramentas para a descrição técnica de padrões linguísticos como recursos na fala-em-interação. A LI esforça-se para demonstrar que – e como – as formas linguísticas são adaptadas (feitas sob medida) às necessidades de produção e interpretação online e situacionalmente incorporadas da interação social (SELTING E COUPER-KUHLEN, 2000, p. 79). Além de outras ferramentas, a seguintes merecem ser mencionadas:

- *Pareamento forma-função*. Linguistas interacionais procuram identificar pares de forma e função da linguagem. Eles chegam a eles de duas maneiras, que podem ser grosseiramente comparados a distinção onomasiológica-semasiológica em semântica: Que recursos linguísticos são usados para constituir sequências conversacionais particulares e desempenhar ações e atividades interacionais? Que ações interacionais e sequências conversacionais são alcançadas por recursos linguísticos específicos?

- *Eixos sintagmáticos e paradigmáticos*. Em análises prosódicas, fonético-fonológicas, sintáticas, léxico-semânticas e pragmáticas, a distribuição e combinação de signos linguísticos (eixo sintagmático) é uma técnica básica de investigação e descrição linguísticas. A LI adota essa análise perguntando-se onde numa sequência (cotexto) e em que combinação com outro item (colocações) certas formas linguísticas coocorrem. O eixo paradigmático introduz questões de substituição de itens. Com base em coleções de instâncias, pode-se mostrar que formas lin-

guísticas ocorrem em contextos similares e estão, portanto, em uma relação paradigmática umas com as outras.

- *Frequência*. A questão de quão frequente uma forma linguística particular é (em comparação com outras formas linguísticas alternativas) essencial para qualquer estudo linguístico empírico. Isso toca em assuntos tais como *rotina* e *expectativas*, bem como é relevante em qualquer contexto que argumente a favor (ou contra) a emergência e sedimentação das formas (cf. BYBEE, 2006; BARTH-WEINGARTEN, 2003; também seção 4, abaixo).

Adicionalmente, a LI emprega conceitos, métodos e ferramentas de teorias e modelos linguísticos específicos com os quais ela é prontamente compatível tais como, por exemplo, Teoria da Estrutura Retórica, Gramática de Construções Empírica e a Teoria do Gênero (MANN; THOMPSON, 1992; DEPPERMAN, 2006; GUNTHER; IMO, 2006; GUNTHER; KNOBLAUCH, 1995). Além disso, devido ao seu foco na língua em uso corrente em ambientes naturais, a LI tem grande potencial para uma ampla gama de objetivos em linguística aplicada (cf. seção 5 abaixo).

A Sociolinguística Interacional e a Linguística Antropológica oferecem uma comparação de práticas culturais divergentes e, adicionalmente, com a teoria da contextualização, oferecem também uma ferramenta para a análise profunda de processos interacionais (cf. GUNTHER, neste volume).

Finalmente, um método que parece ser único à LI deve ser mencionado: a investigação reflexiva dos padrões linguísticos e seus co(n)textos, i.e., o constante “ir e vir entre olhar as propriedades linguísticas detalhadas dos itens [...] e inspecionar a evolução da interação” (HAKULINEN; SELTING, 2005, p. 10). Esse método é baseado na conexão íntima entre as ações e as atividades realizadas pelos participantes e pelos recursos linguísticos que eles usam para realizar tais ações e atividades.

4 Perguntas de pesquisa e desafios futuros

Em última análise, linguistas interacionais visam uma teoria geral sobre como a linguagem é organizada e usada, estrutural e funcionalmente, na interação social. Isso inclui uma nova conceptualização das categorias linguísticas, que é baseada em premissas teóricas e métodos empíricos da LI (cf. seção 3 acima) e a extensão de quebra-cabeça de seus achados. Perguntas de pesquisa básicas em LI incluem as seguintes:

- Como as unidades básicas da interação, unidades de construção de turno (SA-

CKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), surgem? Como recursos prosódicos, sintáticos, léxico-semânticos e pragmáticos, particularmente, estão envolvidos nisso?

- Como a tomada de turno é organizada? Que papel os meios linguísticos assumem na sinalização de lugares relevantes para transição (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974)? Que meios não verbais precisam ser considerados?

- Que papel as estruturas linguísticas, i.e., sentenças, orações, frases e palavras, assumem?

- Por quais meios linguísticos os falantes sinalizam atividades conversacionais, bem como gêneros particulares e estilos conversacionais?

- Que tipo de influência situações interacionais específicas e tipos de interação, tais como comunicação institucional, aquisição de linguagem e distúrbios de linguagem, exercem sobre esses fenômenos?

Próximas a essas perguntas, há um número de desafios gerais à LI, que comumente surgem de sua natureza transdisciplinar. Linguistas interacionais terão que encontrar maneiras de chegar a um acordo com

- *Integrar categorias e noções linguísticas existentes.* O empiricismo indutivo adotado pela LI impede a adoção de categorias preconcebidas. Ao invés disso, as categorias devem ser descobertas e garantidas em referência ao comportamento dos próprios participantes (SCHEGLOFF, 1997). Isso é válido para todos os tipos de categorias empregadas pela LI, sejam elas advindas da linguística, das análises da ação, enquadre de participação, sejam de outros campos. Por outro lado, deve-se reconhecer que a pesquisa não começa a partir de uma *tabula rasa*. Analistas empregam – muito frequentemente sem levar isso em conta como base de sua própria investigação – seus conhecimentos das características co(n)textuais (DEPPERMAN, 1999, 2000) assim como dos recursos linguísticos e suas funções (WEBER, 2003). O linguista interacional, particularmente, precisa estar de acordo com noções existentes e definições como as desenvolvidas na linguística autonomista. Explicar essas noções e definições e integrá-las em sua própria abordagem em uma maneira construtiva é um dos maiores desafios da LI (cf. e.g., BARTH-WEINGARTEN, 2006a).

- *(Re)conceptualizar categorias linguísticas e estabelecer uma terminologia.* A Linguística desenvolveu uma ampla variedade de terminologias, que, como em qualquer campo, reflete seus pressupostos e modelos teóricos de linguagem (LINELL 1998; FIEHLER *et al.*, 2004). Entretanto, um número de achados discursivo-funcionais e linguístico-acionais mostraram que a compreensão e modelagem autonomista da linguagem é comumente não compatível com os achados

de uma perspectiva que focaliza a língua em uso. Portanto, para mencionar alguns exemplos da sintaxe, a análise da língua em uso proveu evidência suficiente para Hopper (2001) reanalisar construções pseudo-clivadas; para Couper-Kouhlen e Thompson (2007) postularem uma construção oracional subordinada com relativizador zero independente¹⁵ (cf. DEPPERMAN, 2007; GUNTNER; IMO, 2006). Como um resultado, ou as “antigas” conotações devam ser mantidas em cheque, por exemplo, por marcações específicas tais como aspas, ou novas terminologias devem ser estabelecidas.

- *Incorporar frequência.* Particularmente, a abordagem discursivo-funcional introduziu a noção de “que a frequência textual é vital para a compreensão das motivações discursivas de construções gramaticais específicas” (CUMMING; ONO, 1997, p. 114). Embora análises de casos singulares sejam essenciais na tentativa de descobrir a ordem da interação, a frequência pode servir como chave primordial em decidir se um padrão linguístico é sedimentado. Ademais, é altamente relevante para noções como rotina e expectativas (BARTH-WEINGARTEN, 2003) bem como normas da linguagem.

- *Aspectos cognitivos.* Assumindo a realização conjunta da fala-em-interação e sua estruturação, a LI “impede a análise dos enunciados [...] em termos de intenções e planos de ação de um único falante” (HAKULINEN; SELTING, 2005, p. 1). Todavia, as ações e atividades do falante pressupõem as intenções do falante, as inferências dos interlocutores e as escolhas entre ações alternativas (DEPPERMAN, 2007). A Análise da Conversa recentemente assumiu a questão de como os detalhes da fala-em-interação revelam a operação de processos cognitivos, por exemplo, em termos de epistemologia (HERITAGE; RAYMOND, 2005; HERITAGE, 1990, 1991; TE MOLDER; POTTER, 2005).

- *Integrar comunicação não verbal.* O advento do fácil uso de registros em vídeo nos presenteia com a oportunidade de estudar o papel de meios não verbais de comunicação na organização da interação. A questão de se e – em caso afirmativo – como incluir sistematicamente esse tópico na pesquisa é um dos grandes desafios da Linguística Interacional no momento. Isso também demanda o levantamento de questões acerca de como transcrever o comportamento não verbal de um modo que mantenha a legibilidade das transcrições e decidir sobre a extensão a qual os gestos bem como mudança de olhar e posições do corpo precisam ser levados em consideração.

- *Incorporar uma perspectiva diacrônica.* O foco nos registros de fala-em-inte-

15 *an independent zero-relativizer relative-clause construction.*

ração natural parece naturalmente restringir estudos linguístico-interacionais a assumir uma perspectiva sincrônica da língua e sua estrutura. No entanto, alguns registros de conversação natural datam da década de 1960. Isso nos permite começar a considerar questões de mudança linguística. Tendo em mente os achados da linguística de corpus que apontam para uma mudança de curto prazo na língua escrita em um período de 30 anos (mudança baquicrônica), assumir essa perspectiva parece ser um empreendimento viável e promissor para conduzir pesquisas futuras em LI. Esse tipo de pesquisa poderia revelar até que ponto aspectos da língua falada mudaram desde que os primeiros registros foram feitos. Ademais, isso pode conceder suporte para as descrições de mudanças linguísticas em progresso na Linguística Discursivo-Funcional e na Linguística Interacional (cf. e.g., MULDER e THOMPSON 2008; FOX e THOMPSON, 2007).

- *Estudar a variação através dos dialetos e variedades.* Enquanto muitos tópicos em Linguística ainda esperam tratamento primário na LI, nós devemos também visar nessa corrida mais longa uma comparação sistemática de seus achados através dos dialetos e variedades de uma única língua. Esse nível de investigação já foi alcançado na pesquisa em prosódia (cf. AUER *et al.* 2000; GILLES 2005) e precisa ser estendido a outros campos também.

- *Divulgar a perspectiva linguístico-interacional.* Enquanto a LI tem demonstrado a natureza e perspicácia de seus achados em um número de campos linguísticos tais como a prosódia/fonética, sintaxe e léxico (cf. seção 6, abaixo), há ainda muitos campos centrais da linguística que até então têm recebido pouca ou nenhuma atenção, entre elas a semântica (mas cf. DEPPERMAN e SPRANZ-FOGASY, 2002; DEPPERMAN, 2005; BARTH-WEINGARTEN, 2006b) e em particular a morfologia. Ainda, a LI agora precisa ir além do estágio inicial de estudos individuais e sistematizar seus resultados tanto em termos de modelar a linguagem e a comunicação humanas quanto torná-los acessíveis a novatos. Para esse propósito, livros-texto introdutórios aos campos centrais da linguística bem como a áreas de aplicação no espírito da LI serão necessários.

- *Aplicar a Linguística Interacional.* Por fim, enquanto fortalece seu posicionamento enquanto campo de pesquisa, a LI deve também continuar a investigar sistematicamente a relação entre forma e função em cenários institucionais de modo a desenvolver ferramentas para treinamento, aprimoramento e desenvolvimento de estratégias comunicativas.

5 A contribuição da Linguística Interacional à linguística aplicada

A Linguística Aplicada não está restrita aqui ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, mas deve ser compreendida como um campo que lida com a descrição, explicação e solução de problemas práticos na interação verbal em todas as esferas da vida social, incluindo-se aí aqueles campos onde questões éticas estão envolvidas (KNAPP, 2004, p. XVIII).

Especialmente na Análise da Conversa Aplicada (tem HAVE, 1999: 8; RICHARDS e SEEDHOUSE, 2005; também WAGNER e DAY, neste volume), os achados e métodos da análise da conversa têm sido usados por algum tempo como pano de fundo e ferramentas para os diagnósticos de uso problemático da língua e seu tratamento em uma variedade de situações sociais interacionais, por exemplo, em empresas de negócios, tribunais, consultas médicas e na mídia (para referências cf. abaixo).¹⁶

Nessa empreitada, os achados linguístico-interacionais até então têm sido integrados presumivelmente, pois analistas aplicados da conversa tem um pano de fundo linguístico, ao invés de um pano de fundo sociológico, e as análises linguísticas são tão relevantes para eles quanto as análises sequenciais. Entretanto, a contribuição da Linguística Interacional não tem sido especificamente reconhecida. Não há ainda campo distinto da Linguística Interacional aplicada. Como um campo de pesquisa comparativamente recente, a LI tem até então sido orientada principalmente pela pesquisa no desenvolvimento de seu posicionamento como uma disciplina acadêmica. Contudo, ao usar métodos da análise da conversa, a LI, também, oferece as mesmas vantagens que a Análise da Conversa tem sobre os tratamentos dos problemas em comunicação de psicólogos e de especialistas em gestão: ao invés de sugerir soluções simples e rudemente generalizadas, a Linguística Interacional oferece análises detalhadas de casos singulares, os quais são capazes de dar conta de todos os fatores relevantes no evento comunicativo particular. Ela permite que os participantes recuem das re-

16 N. da A: Para a variante Alemã da Análise da Conversa Aplicada, *Angewandte Gesprächsforschung*, cf. Becker-Mrotzek and Brunner 1992; Becker-Mrotzek and Fiehler 2002; Brunner, Fiehler, and Kindt 2002; Knapp et al. 2004). Também, *Arbeitskreis Angewandte Gesprächsforschung* (AAG, <http://www.linse.uni-essen.de/linse/aag/index.html>), *Gesprächsforschung – Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* (ISSN 1617-1837; www.gespraechsforschung-ozs.de), *InLiSt* (Interaction and Linguistic Structures) (<http://www.uni-potsdam.de/u/inlist/>), *Informationsportal Gesprächsforschung* (<http://www.gespraechsforschung.de/>), and *Gesprächsanalytisches Informationssystem* [conversation-analytic information system] GAIS (<http://gais.ids-mannheim.de/>).

levâncias condicionais e contingências imediatas do evento comunicativo corrente. E pode também direcionar sua atenção às práticas verbais e não-verbais inconscientes, bem como aos seus efeitos (HARTUNG, 2004; HABSCHEID, 2004). Adicionalmente, a Linguística Interacional concentra-se na fala-em-interação genuína e natural e é, portanto, imediatamente aplicável aos tipos de dados nos quais problemas interacionais ocorrem.

Além disso, como os estudos de caso feitos por analistas aplicados da conversa em discurso institucional mostram (cf. abaixo), as perguntas de pesquisa básicas da Linguística Interacional (ver seção 3.1, acima) são imediatamente relevantes para o diagnóstico de problemas de comunicação em situações institucionais: por um lado, problemas comunicativos dizem respeito às maneiras de levar a cabo ações comunicativas específicas bem como atividades interacionais básicas, tais como iniciar e encerrar uma troca, organizar a transição de falantes, sinalizar responsividade, a relação dos participantes e progressão de tópico. Aqui, a Linguística Interacional pode destacar formas linguísticas alternativas para alcançar efeitos de sentido similares. Por outro lado, a Linguística Interacional oferece uma maneira empiricamente ancorada de conectar meios sintáticos, prosódicos e léxico-semânticos, bem como a interação desses meios nas trocas dos participantes com efeitos pragmáticos particulares, e, portanto, ações específicas. Essas podem, então, ser comparadas com e avaliadas em contraste aos objetivos comunicativos originalmente pretendidos. Esses objetivos podem ser múltiplos e podem depender do cenário específico da interação. Logo, a Linguística Interacional pode particularmente proporcionar:

- Métodos empiricamente testados de coletar dados naturais e analisar casos específicos;
- Uma abordagem da língua e suas estruturas em situações reais;
- Perguntas de pesquisa relevantes aos diagnósticos de problemas comunicativos com um foco nos recursos linguísticos;
- Conceitos descritivos imediatos aplicáveis oriundos indutivamente dos dados em si;
- Uma compreensão do significado e dos efeitos pragmáticos dos itens lexicais enquanto uma realização conjunta de ambos falante e interlocutor;
- E um número de achados específicos e empíricos para cenários institucionais particulares.

Este último não foi ainda convertido em recomendações concretas para melhor prática comunicativa. A respeito disso, o foco aplicado da Escola de Bir-

mingham pode servir como fonte de inspiração, por exemplo. No entanto, ao concentrar-se em formas linguísticas específicas, ao invés de referir-se vagamente a padrões convencionalizados de expressão – “konventionelle Formulierungsmuster” (HABSCHEID, 2004, p. 322), a Linguística Interacional pode ajudar treinadores e participantes a reconhecer instâncias concretas de “mal uso” de formas linguísticas específicas e, assim, facilitar as tentativas de “melhorar o comportamento comunicativo de alguém”.

A Linguística Interacional pode contribuir para a descrição de regras para o uso da língua falada em todos os tipos de áreas profissionais. Aqui somente alguns exemplos de literatura relevante concernente a uma gama seleta de áreas de aplicação da Linguística Interacional é oferecida. Estas direcionarão o leitor a outros trabalhos relevantes.

- *Interações de negócios/empresas*: Drew and Heritage (1992); Brunner, Fiehler and Kindt (1999); Baker, Emmison and Firth (2005); Becker-Mrotzek and Fiehler (2002); Habscheid, 2004; Hartung, 2004; Vinkhuyzen and Szymanski, 2005.

- *Cenário médico*:

1. Interações médicas gerais: Frankel (1984, 1990); Heath (1989, 1992); Maynard (1991, 2003); ten Have (1993); Brunner and Gulich (2002); Gulich, Schondienst and Surmann (2002); Birkner (2006); Heritage and Maynard (2006).

2. Psicoterapia: Czyzewski (1995); Antaki, Barnes and Leudar (2005).

3. Distúrbios da linguagem: Gill and Maynard (1995); Goodwin (1995); Booth e Perkins (1999); Ronfeldt and Auer (2001); Helasvuo, Laakso and Sorjonen (2003).

4. Cuidados com pessoas: Heritage and Sorjonen (1994); Lindstrom (2005), Wilkinson (1999, 2004).

- *Aquisição de linguagem*: Corrin, Tarplee and Wells (2001); Wootton (2005).

- *Fala de adolescente*: Deppermann (2001, 2005).

- *Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras*: Cromdal (2001); Koshik (2002).

- *Academia*: Guthrie (1997); Jacoby and Gonzales (2002).

- *Tribunais e mediação*: Atkinson and Drew (1979); Spranz-Fogasy (1986); Drew (1990); Deppermann (2005).

- *Política e mídia*: Greatbatch (1986a, 1986b, 1992); Heritage (1985, 2003); Heritage and Greatbatch (1991); Heritage and Roth (1995); Hutchby (1992, 1996); Clayman

(1993); Clayman and Heritage (2002); Liddicoat *et al.* (1994); Antaki and Leudar (2001); Bilmes (2001); Barth-Weingarten (2003)¹⁷.

Em termos de uma Linguística Interacional aplicada, podemos vislumbrar dois desenvolvimentos possíveis:

- 1) Uma ênfase maior, bem como uma integração sistemática, dos achados da Linguística Interacional na Análise da Conversa Aplicada, ou
- 2) O estabelecimento de uma Linguística Interacional aplicada, semelhante e em paralelo ao estabelecimento de uma Análise da Conversa Aplicada.

Qualquer um desses dois desenvolvimentos que aconteça, os achados da Linguística Interacional servirão como base para treinamento retórico, e.g., que não precisam terminar em inferências baseadas em intuição acerca das relações entre a forma dos enunciados e as ações realizadas por eles, mas que podem apontar para práticas e detalhes linguísticos específicos enquanto pontos de partida concretos para práticas comunicativas aprimoradas.

Referências

ANTAKI, C.; LEUDAR, I. Recruiting the record: using opponents' exact words in parliamentary argumentation. **Text & Talk**, v. 21, n. 4, p. 467-488, 2001.

ANTAKI, C.; BARNES, R.; LEUDAR, I. Diagnostic formulations in psychotherapy. **Discourse studies**, v. 7, n. 6, p. 627-647, 2005.

ATKINSON, J. M.; DREW, P. **Order in court: The Organization of Verbal Interaction in Judicial Settings**. London: Palgrave Macmillan, 1979.

AUER, P. The pre-front field in spoken German and its relevance as a grammaticalization position. **Pragmatics**, v. 6, n. 3, p. 295-322, 1996.

AUER, P. Online-Syntax - Oder: was es bedeuten könnte, die Zeitlichkeit der mündlichen Sprache ernst zu nehmen. **Sprache und Literatur**, v. 31, n. 1, p. 43-56, 2000.

AUER, P. Syntax als Prozess. *In*: HAUSENDORF, H. **Gespräch als Prozess**. Linguistische Aspekte

¹⁷ N. da A: Para mais referências sobre a aplicação da Análise da Conversa e da Linguística Interacional, ver também a bibliografia sobre Etnometodologia e Análise da Conversação de Paul ten Have (disponível em <http://www2.fmg.uva.nl/emca/bib90's.htm>) e a bibliografia de Sandra A. Thompson sobre Linguística Interacional (disponível em: <http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/sathomps/bibliographies/bibliog-interactive-linguistics.htm>).

der Zeitlichkeit verbaler Interaktion. Tübingen: Narr, 2006. p. 95-124

AUER, P.; GILLES, P.; PETERS, J.; SELTING, M. Intonation regionaler Varietäten des Deutschen. Vorstellung eines Forschungsprojekts. In: STELLMACHER, D. **Dialektologie zwischen Tradition und Neuansätzen. Beiträge der Internationalen Dialektologentagung, Göttingen, 19.-21. Oktober 1998** (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, Beiheft 109. Stuttgart: Steiner.) 2000, p. 222-239.

AUER, P.; DI LUZIO, A. **The contextualization of language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1992.

AUER, P.; DIRIM, I. **Türkisch sprechen nicht nur die Türken**. Berlin/New York: de Gruyter, 2012.

BAKER, C.; FIRTH, A.; EMMISON, M. **Calling for Help: Language and Social Interaction in Telephone Helplines**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

BARTH-WEINGARTEN, D. Zur (Aus-)Nutzung konzessiver Konstruktionen in Radio Interviews: eine qualitativ-quantitative Untersuchung zur Kontextabhängigkeit von Äußerungen. **Gesprächsforschung: Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion**, v. 4, p. 251-281, 2003. Disponível em: <https://www.gespraechsforschung-ozs.de>. Acesso em: 24 ago. 2007.

BARTH-WEINGARTEN, D. Fuzzy boundaries—Überlegungen zu einer Grammatik der gesprochenen Sprache nach konversationsanalytischen Kriterien. In: DEPPEMAN, A.; FIEHLER, R.; SPRANZ-FOGASY, T. **Grammatik und Interaktion**, Radolfzell: Verlag für Gesprächsforschung, 2006a. p. 67-93. Disponível em: <https://www.gespraechsforschung-ozs.de>. Acesso em: 24 ago. 2007.

BARTH-WEINGARTEN, D. parallel-opposition-Konstruktionen: Zur Realisierung eines spezifischen Ausdrucks der Kontrastrelation. In: GÜNTNER, S.; IMO, W. **Konstruktionen in der Interaktion**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006b. p. 153-179.

BECKER-MROTZEK, M.; BRÜNNER, G. Angewandte Gesprächsforschung: Ziele—Methoden-Probleme. In: FIEHLER, R.; SUCHAROWSKI, W. **Kommunikationsberatung und Kommunikationstraining: Anwendungsfelder der Diskursforschung**. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1992. p. 12-23.

BECKER-MROTZEK, M.; FIEHLER, R. **Unternehmenskommunikation**. Tübingen: Narr, 2002.

BILMES, J. Question delivery formats as a feature of interactional style in the 1992 vice-presidential debate. **Research on Language and Social Interaction**, v. 34, p. 151-181, 2001.

BIRKNER, K. Subjektive Krankheitstheorien im Gespräch. **Gesprächsforschung: Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion**, v. 7, p. 152-183, 2006. Disponível em: <https://www.gespraechsforschung-ozs.de>. Acesso em: 24 ago. 2007.

BOOTH, S.; PERKINS, L. The use of conversation analysis to guide individualized advice to carers and evaluate change in aphasia: a case study. **Aphasiology**, v. 13, n. 4-5, p. 283-303, 1999.

BRINKER, K.; ANTOS, G.; HEINEMANN, W.; SAGER, S. F. Text- und Gesprächslinguistik/Linguistics of Text and Conversation. **Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung/An International Handbook of Contemporary Research**. Halbband 2: Gesprächslinguistik. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001.

BRÜNNER, G.; GÜLICH, E. **Krankheit verstehen: interdisziplinäre Beiträge zur Sprache in Krankheitsdarstellungen**. Bielefeld: Aisthesis, 2002.

BRÜNNER, G.; FIEHLER, R.; KINDT, W. **Angewandte Diskursforschung**. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1999.

BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press,

2006.

CLAYMAN, S. Reformulating the question: A device for answering/not answering questions in news interviews and press conferences. **Text-Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, v. 13, n. 2, p. 159-188, 1993.

CLAYMAN, S.; HERITAGE, J. **The News Interview: Journalists and Public Figures on the Air**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CORRIN, J.; TARPLEE, C.; WELLS, B. Interactional linguistics and language development: A conversation analytic perspective on emergent syntax. In: SELTING, Margret; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **Studies in interactional linguistics**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 199-226.

COUPER-KUHLEN, E. Prosody and sequence organization in English conversation: The case of a new beginning. In: COUPER-KUHLEN, E.; FORD, C. **Sound patterns in interaction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 335-376.

COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. Towards an interactional perspective on prosody and a prosodic perspective on interaction. In: SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. **Prosody in conversation: Interactional studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 11-56.

COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. Introducing interactional linguistics. In: SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. **Studies in interactional linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 1-22

COUPER-KUHLEN, E.; THOMPSON, S. You know it's funny: Eine Neubetrachtung der "Extraposition" im Englischen. In: GÜNTHER, Susanne; IMO, Wolfgang. **Konstruktionen in der Interaktion**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 23-58.

CROMDAL, J. "Can I be with?" Negotiating play entry in a bilingual school. **Journal of pragmatics**, v. 33, n. 4, p. 515-543, 2001.

CUMMING, S.; ONO, Tsuyoshi. Discourse and grammar. In: VAN DIJK, T. **Discourse as Structure and Process. Discourse Studies: A multidisciplinary introduction**, London: Sage, v. 1, 1997. p. 112-137.

CZYZEWSKI, M. Mm hm tokens as interactional devices in the psychotherapeutic in-take interview. In: TEN HAVE, P.; PSATHAS, G. **Situated order: Studies in the social organization of talk and embodied activities**. Washington, D. C.: University Press of America, 1995. p. 73-89

DEPPERMAN, A. **Gespräche analysieren. Eine Einführung in konversationsanalytische Methoden**. Opladen: Leske und Budrich, 1999.

DEPPERMAN, A. Ethnographische Gesprächsanalyse: Zu Nutzen und Notwendigkeit von Ethnographie für die Konversationsanalyse. **Gesprächsforschung: Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion**, v. 1, p. 96-124, 2000. Disponível em: <https://www.gespraechsforschung-ozs.de>. Acesso em: 24 ago. 2007.

DEPPERMAN, A. Disrespecting: A conversational practice for the negotiation of status in juvenile peer-groups. In: NÉMETH, E. **Pragmatics in 2000: Selected Papers from the 7th International Pragmatics Conference**. Antwerpen: International Pragmatics Association, 2001. p. 156-164.

DEPPERMAN, A. Conversational interpretation of lexical items and conversational contrasting. In: SELTING, M.; HAKULIEN, A. **Syntax and lexis in conversation**. Studies on the use of linguistic resources in talk-in-interaction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 289-317.

DEPPERMAN, A. Construction Grammar—eine Grammatik für die Interaktion? In: DEPPERMAN, A.; FIEHER, R.; SPRANZ-FOGASY, T. **Grammatik und Interaktion**, Radolfzell: Verlag für Gesprächsforschung, 2006. p. 43-65. Disponível em: <http://www.verlag-gespraechsforschung>.

de/2006/deppermann.htm. Acesso em: 15 jun. 2007.

DEPPERMAN, A. Grammatik und Semantik aus gesprächsanalytischer Sicht. In: **Grammatik und Semantik aus gesprächsanalytischer Sicht**. Berlin/New York: de Gruyter, 2007.

DEPPERMAN, A.; SPRANZ-FOGASY, T. **be-deuten. Wie Bedeutung im Gespräch entsteht**. Tübingen: Stauffenburg, 2002.

DREW, P. Strategies in the contest between lawyer and witness in cross-examination. In: LEVI, J.; WALKER, A. G. **Language in the judicial process**. Springer, Boston, MA, 1990. p. 39-64. New York/Washington: Plenum Press, 1990. p. 39-64.

DREW, P.; HERITAGE, J. Analyzing talk at work: An introduction. In: DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at Work**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 3-65.

EERDMANS, S.; PREVIGNANO, C.; THIBAUT, P. **Language and interaction: discussions with John J. Gumperz**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

FIEHLER, R. *et al.* **Eigenschaften gesprochener Sprache**. Tübingen: Narr, 2004.

FOLEY, W. **Anthropological Linguistics: An Introduction**. Oxford: Blackwell, 1997.

FORD, C. **Grammar in interaction: Adverbial clauses in American English conversations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

FORD, C.; FOX, B.; THOMPSON, S. **The language of turn and sequence**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

FORD, C.; THOMPSON, S. Interactional Units in Conversation: Syntactic, Intonational and Pragmatic Resources. In: OCHS, E.; SCHEGLOFF, E.; THOMPSON, S. **Interaction and grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 134-184.

FORD, C.; WAGNER, J. Interaction-based studies of language. Special issue of **Pragmatics**, v. 6, n. 3, p. 277-456, 1996.

FOX, B. **Discourse structure and anaphora: Written and conversational English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FOX, B.; HAYASHI, M.; JASPERSEN, R. Resources and repair: A cross-linguistic study of syntax and repair. In: OCHS, E.; SCHEGLOFF, E.; THOMPSON, S. **Interaction and Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FOX, B.; THOMPSON, S. Relative clauses in English conversation: Relativizers, frequency, and the notion of construction. **Studies in Language**, v. 31, n. 2, p. 293-326, 2007.

FRANKEL, R. From sentence to sequence: Understanding the medical encounter through microinteractional analysis. **Discourse processes**, v. 7, n. 2, p. 135-170, 1984.

FRANKEL, R. Talking in interviews: A dispreference for patient-initiated questions in physician-patient encounters. In: PSATHAS, G. **Interaction Competence**, Washington: University Press of America, v. 1, 1990. p. 231-262.

FRENCH, P.; LOCAL, J. Turn-competitive incomings. **Journal of Pragmatics**, v. 7, n. 1, p. 17-38, 1983.

GILL, V. T.; MAYNARD, D. On "labeling" in actual interaction: Delivering and receiving diagnoses of developmental disabilities. **Social problems**, v. 42, n. 1, p. 11-37, 1995.

GILLES, P. **Regionale Prosodie im Deutschen. Variabilität in der Intonation von Abschluss und Weiterweisung**, Berlin/New York: de Gruyter, 2005.

GOODWIN, C. The interactive construction of a sentence in natural conversation. In: PSATHAS, G.

- Everyday language: Studies in ethnomethodology**, New York: Irvington Publishers, v. 97, 1979. p. 101-121.
- GOODWIN, C. **Conversational Organization: Interaction between Speakers and Hearers**. New York: Academic Press, 1981.
- GOODWIN, C. Co-constructing meaning in conversations with an aphasic man. **Research on language and social interaction**, v. 28, n. 3, p. 233-260, 1995.
- GREATBATCH, D. Some standard uses of supplementary questions in news interviews. In: WILSON, J.; CROW, B. **Belfast working papers in language and linguistics**, Jordanstown: University of Ulster, v. 8, p. 86-123, 1986.
- GREATBATCH, D. Aspects of topical organization in news interviews: The use of agenda-shifting procedures by interviewees. **Media, Culture & Society**, v. 8, n. 4, p. 441-455, 1986.
- GREATBATCH, D. On the management of disagreement between news interviewees. In: DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at Work**, 1992. p. 268-301.
- GÜLICH, E.; SCHÖNDIENST, M.; SURMANN, V. (eds.). **Wie Anfälle zur Sprache kommen. Psychotherapie und Sozialwissenschaft**, v. 4, n. 02, p. 235-239. 2002.
- GÜNTNER, S.; IMO, W. **Konstruktionen in der Interaktion**. Berlin/New York: de Gruyter, 2006.
- GÜNTNER, S.; KNOBLAUCH, H. Culturally patterned speaking practices-the analysis of communicative genres. **Pragmatics**, v. 5, n. 1, p. 1-32, 1995.
- GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUTHRIE, A. On the systematic deployment of *okay* and *mmhmm* in academic advising sessions. **Pragmatics**, v. 7, n. 3, p. 397-415, 1997.
- HABSCHEID, S. Gesprächsberatung in Organisationen und Institutionen. In: KNAPP, K.; ANTOS, G.; BECKER-MROTZEK, M.; DEPPERMAN, A.; GÖPFERICH, S.; GRABOWSKI, J.; KLEMM, M.; VILLIGER, C. **Angewandte Linguistik. Ein Lehrbuch**. Tübingen/Basel: Francke, 2004. p. 320-340.
- HAKULINEN, A.; SELTING, M. **Syntax and Lexis in Conversation. Studies on the Use of Linguistic Resources in Talk-in-interaction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- HAVE, P. Fragen von Ärzten. Erste Bemerkungen. In: LÖNING, P.; REHBEIN, J. **Arzt-Patienten-Kommunikation**. Analysen zu interdisziplinären Problemen des medizinischen Diskurses. Berlin/New York: de Gruyter, 1993. p. 373-383.
- HAVE, P. **Doing Conversation Analysis. A Practical Guide**. London: Sage, 1999.
- HARTUNG, M. Gesprächsanalyse in der betrieblichen Praxis. In: KNAPP, K.; ANTOS, G.; BECKER-MROTZEK, M.; DEPPERMAN, A.; GÖPFERICH, S.; GRABOWSKI, J.; KLEMM, M.; VILLIGER, C. **Angewandte Linguistik. Ein Lehrbuch**. Tübingen/Basel: Francke, 2004. p. 299-319.
- HEATH, C. Pain talk: The expression of suffering in the medical consultation. **Social Psychology Quarterly**, v. 52, p. 113-125, 1989.
- HEATH, C. The delivery and reception of diagnosis in the general practice consultation. In: DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at Work**, Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 235-267.
- HELASVUO, M.; LAAKSO, M.; SORJONEN, M. Searching for words: Syntactic and sequential construction of word search in conversations of Finnish speakers with aphasia. **Research on language and social interaction**, v. 37, n. 1, p. 1-37, 2004.
- HERITAGE, J. A change-of-state token and aspects of its sequential placement. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. **Structures of social action: Studies in conversation analysis**, Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 299-345.

- HERITAGE, J. Analyzing news interviews: Aspects of the production of talk for an overhearing audience. *In*: VAN DIJK, T. **Handbook of discourse analysis**, Vol. 3. London: Academic Press, 1985, p. 95-117.
- HERITAGE, J. Intention, meaning and strategy: Observations on constraints on interaction analysis. **Research on Language & Social Interaction**, v. 24, n. 1-4, p. 311-332, 1990.
- HERITAGE, J. Designing questions and setting agendas in the news interview. *In*: GLENN, P.; LEBARON, C.; MANDELBAUM, J. **Studies in language and social interaction**: In Honor of Robert Hopper, Mahwah, NJ: Erlbaum, 2002. p. 57-90.
- HERITAGE, John; GREATBATCH, David. On the institutional character of institutional talk: The case of news interviews. *In*: BODEN, Deirdre; ZIMMERMAN, Don. **Talk and Social Structure**. Oxford: Polity Press, 1991. p. 93-137.
- HERITAGE, J.; MAYNARD, D. **Communication in Medical Care**: Interaction between Primary Care Physicians and Patients. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HERITAGE, J.; RAYMOND, G. The terms of agreement: Indexing epistemic authority and subordination in talk-in-interaction. **Social psychology quarterly**, v. 68, n. 1, p. 15-38, 2005.
- HERITAGE, J. C.; ROTH, A. L. Grammar and institution: Questions and questioning in the broadcast news interview. **Research on language and social interaction**, v. 28, n. 1, p. 1-60, 1995.
- HERITAGE, J.; SORJONEN, M. Constituting and maintaining activities across sequences: And-prefacing as a feature of question design. **Language in society**, v. 23, n. 1, p. 1-29, 1994.
- HOPPER, P. Emergent grammar. *In*: TOMASELLO, M. **The New Psychology of Language. Vol. 1**, Mahwah, NJ: Erlbaum, 1998. p. 155-175.
- HOPPER, P. Grammatical constructions and their discourse origins: prototype or family resemblance. *In*: PÜTZ, M.; NIEMEIER, S.; DIRVEN, R. **Applied cognitive linguistics I**: theory and language acquisition. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 109-129.
- HUTCHBY, I. The Pursuit of Controversy: Routine Skepticism in Talk on "Talk Radio". **Sociology**, v. 26, n. 4, p. 673-694, 1992.
- HUTCHBY, I. **Conflict Talk**: Arguments, Asymmetries and Power on Talk Radio. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1996.
- HUTCHBY, I.; WOOFFITT, R. **Conversation analysis**: Principles, Practices and Applications. Cambridge: Polity Press, 1998.
- JACOBY, S.; GONZALES, P. Saying what wasn't said: negative observation as a linguistic resource for the international achievement of performance feedback. *In*: FORD, C.; FOX, B.; THOMPSON, S. **The Language of Turn and Sequence**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 123-164.
- KNAPP, K. V. *In*: KNAPP, K.; ANTOS, G.; BECKER-MROTZEK, M.; DEPPEMANN, A.; GÖPFERICH, S.; GRABOWSKI, J.; KLEMM, M.; VILLIGER, C. **Angewandte Linguistik**. Ein Lehrbuch. Tübingen/Basel: Francke, 2004. p. 17-20.
- KNAPP, K.; ANTOS, G.; BECKER-MROTZEK, M.; DEPPEMANN, A.; GÖPFERICH, S.; GRABOWSKI, J.; KLEMM, M.; VILLIGER, C. **Angewandte Linguistik. Ein Lehrbuch**. Tübingen/Basel: Francke, 2004.
- KOSHIK, I. Designedly incomplete utterances: A pedagogical practice for eliciting knowledge displays in error correction sequences. **Research on language and social interaction**, v. 35, n. 3, p. 277-309, 2002.
- LERNER, G. On the syntax of sentences-in-progress. **Language in society**, v. 20, n. 3, p. 441-458,

1991.

LERNER, G. Turn-sharing: The choral co-production of talk in interaction. In: FORD, C.; FOX, B.; THOMPSON, S. **The language of turn and sequence**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 225-256.

LIDDICOAT, A.; DÖPKE, S.; LOVE, K.; BROWN, A. Presenting a point of view: caller's contributions to talkback radio in Australia. **Journal of Pragmatics**, v. 22, n. 2, p. 139-156, 1994.

LINDSTRÖM, A. Language as social action. A study of how senior citizens request assistance with practical tasks in the Swedish home help service. In: HAKULIEN, A.; SELTING, M. **Syntax and Lexis in Conversation. Studies on the Use of Linguistic Resources in Talk-in-interaction**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 209-230.

LINELL, P. **Approaching dialogue: Talk, interaction and contexts in dialogical perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

LOCAL, J.; KELLY, J. **Doing Phonology: Observing, Recording, Interpreting**. Manchester/New York: Manchester University Press, 1989.

LOCAL, J.; KELLY, J.; WELLS, W. Towards a phonology of conversation: turn-taking in Tyneside English. **Journal of Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 411-437, 1986.

MANN, W.; THOMPSON, S. Relational discourse structure: a comparison of approaches to structuring text by 'contrast'. In: LHWANG, S. J.; MERRIFIELD, W. **Language in context: essays for Robert E. Longacre**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1992. p. 19-45.

MAYNARD, D. Interaction and asymmetry in clinical discourse. **American journal of sociology**, v. 97, n. 2, p. 448-495, 1991.

MAYNARD, D. W. **Bad news, good news: Conversational order in everyday talk and clinical settings**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

MOLDER, H.; POTTER, J. **Conversation and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MULDER, J.; THOMPSON, S. A. The grammaticization of but as a final particle in English conversation. In: LAURY, R. **Crosslinguistic studies of clause combining: The multifunctionality of conjunctions**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 179-204.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E.; THOMPSON, S. **Interaction and Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

REDDY, M. The conduit metaphor. A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and thought**, 1979. p. 285-324.

RICHARDS, K.; SEEDHOUSE, P. **Applying Conversation Analysis**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

RÖNFELDT, B.; AUER, P. Erinnern und Vergessen. Erschwerte Wortfindung als interaktives und soziales Problem. In: SCHECKER, M. **Wortfindung und Wortfindungsstörungen**, Tübingen: Narr, 2001. p. 77-108.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, v. 50, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. The relevance of repair to syntax-for-conversation. In: GIVÓN, T. **Discourse and syntax**. New York: Academic Press, 1979. p. 261-286.

SCHEGLOFF, E. Turn organization: one intersection of grammar and interaction. In: OCHS, E.; SCHEGLOFF, E.; THOMPSON, S. **Interaction and grammar**. Cambridge: Cambridge University

Press, 1996, p. 52-133.

SCHEGLOFF, E. Practices and actions: Boundary cases of other-initiated repair. **Discourse processes**, v. 23, n. 3, p. 499-545, 1997.

SCHEGLOFF, E. **Sequence organization in interaction: A primer in conversation analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, v. 53, n. 2, p. 361-382, 1977.

SELTING, M. On the interplay of syntax and prosody in the constitution of turn-constructive units and turns in conversation. **Pragmatics**, v. 6, n. 3, p. 371-388, 1996.

SELTING, M. The construction of units in conversational talk. **Language in society**, v. 29, n. 4, p. 477-517, 2000.

SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E.. Argumente für die Entwicklung einer 'interaktionalen Linguistik'. **Gesprächsforschung: Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion**, v. 1, p. 76-95, 2000. Disponível em: <https://www.gespraechsforschung-ozs.de>. Acesso em: 24 ago. 2007.

SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. Forschungsprogramm 'Interaktionale Linguistik'. **Linguistische Berichte**, n. 187, p. 257-287, 2001.

SPRANZ-FOGASY, T. **"Widersprechen": Zu Form und Funktion eines Aktivitätstyps in Schlichtungsgesprächen**. Eine gesprächsanalytische Untersuchung. Tübingen: Narr, 1986.

TANAKA, H. Turn projection in Japanese talk-in-interaction. **Research on language and social interaction**, v. 33, n. 1, p. 1-38, 2000.

THOMPSON, S. A. 'Object complements' and conversation. **Studies in Language**, v. 26, n. 1, p. 125-163, 2002.

VINKHUYZEN, E.; SZYMANSKI, M. H. Would you like to do it yourself? Service requests and their non-granting responses. In: RICHARDS, K.; SEEDHOUSE, P. **Applying Conversation Analysis**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005. p. 91-106.

WALKER, G. On some interactional and phonetic properties of increments to turns in talk-in-interaction. In: COUPER-KUHLEN, E.; FORD, C. **Sound patterns in interaction**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 147-169.

WEBER, T. There is no objective subjectivity in the study of social interaction. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**. 2003. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-03/2-03weber-e.htm>. Acesso em: 14 jan. 2006.

WILKINSON, R. Sequentiality as a problem and resource for intersubjectivity in aphasic conversation: Analysis and implications for therapy. **Aphasiology**, v. 13, n. 4-5, p. 327-343, 1999.

WILKINSON, R. Reflecting on talk in speech and language therapy: Some contributions using conversation analysis. **International Journal of Language and Communication Disorders**, v. 39, n. 4, p. 497-503, 2004.

WOOTTON, A. Remarks on the methodology of conversation analysis. In: ROGER, Derek; BULL, Peter. **Conversation: An interdisciplinary perspective**, Clevedon: Multilingual matters, 1989. p. 165-178.

WOOTTON, A. Interactional and sequential configurations informing request format selection in children's speech. In: HAKULIEN, A; SELTING, M. **Syntax and lexis in conversation: Studies on the use of linguistic resources in talk-in-interaction**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 185-207.

Sobre o tradutor

Thiago da Cunha Nascimento - Professor Adjunto do Departamento de Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Lavras, área de Língua Inglesa. e-mail: thiago-nascimento@ufla.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8882-0323>